



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 2  
abr-jun.2024  
p. 28-48

# Transmasculinidades em foco: análises pós-pornográficas sobre o trabalho com pornografia digital

(*Transmasculinidades en Foco: Análisis Postpornográficos sobre el Trabajo con Pornografía Digital*)

(*Transmasculinities in Focus: Post-Pornographic Analyses on working with Digital Pornography*)

Arthur Fernandes Sampaio<sup>1</sup>  
Céu Silva Cavalcanti<sup>2</sup>  
Maria Cristina Rocha Barreto<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo procura analisar as produções acadêmicas sobre homens trans brasileiros que trabalharam com pornografia *online*. Realizou-se uma pesquisa utilizando-se a plataforma do Google Acadêmico, com um recorte temporal de dez anos (2013-2023), encontrando-se três artigos brasileiros sobre essa abordagem específica, e destes, apenas um discutia sobre homens trans que trabalhavam na atividade. A quase ausência de produções acadêmicas sobre esse assunto leva a quatro linhas de discussões: o fenômeno da diferença da passabilidade de homens e mulheres trans/travestis; o uso, por parte de homens trans, de uma espécie de invisibilidade funcional; a dificuldade de articulação política unificada dos homens trans; e o fato de a maioria dos estudos sobre pornografia serem propostos por estudos feministas. Por essas razões e por se tratar de uma questão complexa, cujas discussões não conseguem se esgotar facilmente, faz-se necessário o fomento à produção de estudos cuidadosos sobre homens trans e pornografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** homens trans; pornografia; pós-pornografia.

**Abstract:** This article seeks to analyze academic productions about Brazilian trans men who worked with online pornography. A search was carried out using the Google Scholar platform, within a time frame of 10 years (2013-2023), finding three Brazilian articles on this specific approach and out of these, only one discussed trans men who worked in the activity. The almost absence of academic articles on that subject leads to four lines of discussion: The phenomenon of the difference in the passability of trans/transvestite men and women; the use, by trans men, of a kind of functional invisibility; the difficulty of a unified political articulation of trans men and the fact that most studies on pornography are proposed by feminist studies. For these reasons and because it is a complex issue, whose discussions cannot be easily exhausted, it is necessary to encourage the production of careful studies on trans men and pornography.

**Keywords:** trans men; pornography; post-pornography.

**Resumen:** Este artículo busca analizar producciones académicas sobre hombres trans brasileños que han trabajado en la pornografía *online*. Se realizó una investigación a través de la plataforma Google Scholar, con un período establecido de 10 años (2013-2023), en la cual fueron encontrados tres artículos brasileños sobre este enfoque específico, y de estos, solo uno habla de hombres trans que trabajaban en la actividad. La casi ausencia de producciones académicas sobre ese tema lleva a cuatro líneas de discusión: El fenómeno de la diferencia en la pasabilidad de hombres y mujeres trans/travestis; el uso, por parte de hombres trans, de una especie de invisibilidad funcional; la dificultad de articulación política unificada de los hombres trans y el hecho de que la mayoría de los estudios sobre pornografía son propuestos por estudios feministas. Por estas razones y por tratarse de un tema complejo, cuyas discusiones no se agotan fácilmente, es necesario incentivar la producción de estudios cuidadosos sobre los hombres trans y la pornografía.

**Palabras clave:** hombres trans; pornografía; pospornografía.

1 Psicólogo (UFCG); Mestre em Ciências Sociais e Humanas (UERN); E-mail: arthursampaio@hotmail.com.

2 Doutora e Mestra em Psicologia pela UFRJ. Integrante da diretoria nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social na gestão 2021-2023. E-mail: ceucavalcanti@gmail.com.

3 Doutora em Sociologia e Mestra em Ciências Sociais (UFPB). Professora na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: cristinabarreto@uern.br.



## 1 Introdução

O Brasil é um dos países que mais consome pornografia trans no mundo. Buscas por termos como “*shemale*”, “*transgender*”, “*brazilian shemale*” e “*ladyboy*” aparecem na liderança em todos os países das plataformas dos maiores *sites* de pornô do mundo. No Brasil, alguns vídeos chegam a mais de 920 mil visualizações no RedTube<sup>4</sup>, 14,5 milhões no Pornhub e outros quase 45 milhões no XVideos, com buscas pelos termos “travesti”, “travesti brasileira” e suas variações (Benevides, 2020). Segundo a autora, o primeiro ano em que o RedTube colocou o Brasil como maior consumidor de pornografia com pessoas trans foi em 2016, e desde então o país segue na lista e nos primeiros lugares do *ranking*.

A partir da pesquisa dessa autora é possível perceber que os termos pesquisados nesses *sites* são majoritariamente sobre corpos transfemininos<sup>5</sup>, o que nos evoca pensar: se o Brasil é um dos países que mais consomem pornografia trans no mundo, como isso se dá com corpos de homens trans brasileiros?

A partir dessa questão, a intenção desse artigo é identificar e analisar as produções acadêmicas sobre homens trans brasileiros que trabalham com pornografia, a partir da literatura produzida sobre o tema no período de 2013 a 2023. Para chegar nesse ponto, primeiramente apontarei um breve histórico da pornografia a partir do advento de novas tecnologias de comunicação, bem como me aterei a trazer alguns conceitos relevantes sobre pornografia.

Entendendo os corpos de homens trans como dissidentes e a importância dessa noção para pensar as pornografias com homens trans, o próximo passo será trazer algumas reflexões sobre a pós-pornografia. Em seguida, farei uma discussão envolvendo os estudos acadêmicos sobre homens trans brasileiros na pornografia e, ao mesmo tempo, trarei algumas pistas que possam oferecer avanços sobre a temática.

## 2 Pornografia: produzindo alguns sentidos

Antes de começar uma reflexão mais teórica, é importante frisar que o termo “pornografia” não se refere a um tipo de obra específica, mas a uma ordenação conceitual. São categorizados com esse nome produções culturais relacionadas às representações das sexualidades, sendo, portanto, a discussão sobre pornografia indissociável de cada momento histórico e cultural determinado.

Para Leite Jr. (2012), a palavra “pornografia” tem como um marcador histórico o século

4 Redtube, Pornhub e XVideos são plataformas digitais de circulação de vídeos pornográficos gratuitos e pagos.

5 Termo que utilizo para me referir a identidades de gênero que se afastam da cisgeneridade, mas que possuem performance feminina, sendo uma identidade binária ou não.



XIX, quando arqueólogos italianos encontraram, nas ruínas de Pompéia, uma coleção de objetos e imagens sexuais que até então só eram vistas, de forma tão exposta, em obras consideradas obscenas. Essas obras ficaram no Museu Arqueológico de Nápoles, em gabinetes reservados, recebendo as seguintes nomeações: em 1819, gabinete de objetos obscenos; em 1823, gabinete de objetos reservados; e em 1860, “coleção pornográfica”. Esta última expressão sendo advinda da palavra “pornografia”, que tem sua significação original vinculada a qualquer obra de arte ou de literatura que retrate a vida das prostitutas.

Segundo Moraes (2003), a etimologia da palavra pornografia vem do grego “ *pornos*”, que significa prostituta”, que se juntou com “grafô” (escrita) e se deu com o intuito de produzir uma barreira linguística, afastando-se do impacto conotativo da palavra “obsceno” e da curiosidade existente pelo que está reservado, secreto. Por outro lado, seguindo o pensamento de Foucault (2012), sabe-se que as ações supostamente repressivas, que giram em torno da sexualidade, muito mais produzem discursos que o reprimem. Assim, foi a partir dessa época, sobretudo na segunda metade do século XIX, que surge de forma mais expressiva a produção literária e visual reconhecida hoje em dia como pornografia: um negócio de público específico e que visa o lucro. O termo, mesmo surgido no meio acadêmico – o museu de arqueologia –, não se desenvolveu, na época, como categoria científica, e acabou ganhando rápida disseminação na linguagem cotidiana, consolidando-se como uma ideia imprecisa, disseminada no senso comum e fomentada pela indústria do entretenimento (Leite Junior, 2012).

Mesmo que já bastante difundida ainda no século XIX, é a partir dos anos 1950 que a pornografia surge efetivamente como cultura de massa. Segundo Preciado (2018), em 1953, nos Estados Unidos da América (EUA), Hugh Hefner funda a primeira revista pornô norte-americana a ser vendida em bancas de jornais: a Playboy. Desse ponto em diante, parece ter havido um aumento significativo em produções pornográficas, sobretudo audiovisuais. Em 1972, Gerard Damiano lança o longa-metragem *Garganta profunda*, que se tornou um dos filmes mais vistos em todos os tempos, arrecadando mais de 600 milhões de dólares. Esse filme foi um marco na produção de filmes pornôs, visto que após esse momento houve uma explosão de produções desse gênero: de 30 lançamentos clandestinos em todo país em 1950, para mais de 2.500 novos filmes em 1970.

A popularidade dessas produções foi incrementada com o advento do videocassete, fazendo com que a pornografia consolidasse, na década de 80, o seu estatuto de produto cultural de grande circulação (Duarte, 2013). Anos mais tarde, na década de 1990, manteve sua grande disseminação a partir da popularização dos DVDs.

O início dos anos 2000 foi marcado pela popularização da internet banda larga e, segundo



Santos (2019), a chegada dessa nova tecnologia produziu efeitos sobre o mercado pornográfico com a queda da circulação e do consumo dos DVDs, sobretudo a partir dos anos 2009/2010, no Brasil. Além disso, nesse momento, surgiu um novo modelo de produção pornográfica chamado de “*videos on demand*” (VOD), que significa “vídeos sob demanda”, onde o assinante pode escolher o conteúdo que deseja assistir, por meio de uma página na *web*.

Para o autor, enquanto os filmes em circulação a partir de vídeo VHS e DVDs eram marcados por produções de longas-metragens, a pornografia contemporânea – a partir da década de 2010 – adotou uma outra lógica, pensada com cenas mais curtas, de no máximo 30/40 minutos, para um consumo individualizado e através de meios digitais, ou seja, *smartvs*, *desktops*, *notebooks* e, sobretudo, *smartphones*. No entanto, a fundamental diferença dessas produções não se dá puramente por seu tempo de duração, mas pela forma de elaboração. Enquanto as produções anteriores eram marcadas por roteiros mais elaborados, as atuais são sinópticas, sem muitas narrativas, resumindo-se ao ato sexual.

Como podemos perceber, parece haver, com o advento da internet banda larga, uma mudança não apenas na forma de se produzir pornografia, mas de paradigmas, que nos evoca pensar nas relações existentes entre a internet e a pornografia. Seria a internet a produtora, por excelência, da mudança na forma pela qual o público da indústria pornográfica passou a demandar dessa?

Não parece ser muito producente, ao problematizarmos os efeitos da internet nas produções pornográficas, supor uma espécie de determinismo tecnológico, que produz uma força que governa e dirige o rumo da sociedade (Williams, 2016). Nessa discussão, faz-se mais relevante complexificarmos um pouco esse pensamento e percebermos as relações de forças que se encontram enredadas.

Embora exista uma corriqueira associação da tecnologia com artefatos, como uma mera aplicação do conhecimento científico, Cupani (2011) nos faz atentar para o fato que a tecnologia é por si só um modo específico de saber e, portanto, seguindo Foucault (2013), está entrelaçada com relações de poderes. Saberes-poderes políticos, industriais, econômicos, militares que por motivações próprias empreendem no campo da relação, cada vez mais estreita, entre ciência e tecnologia.

Se a ciência é considerada, nas sociedades supostamente avançadas, como paradigma de todo conhecimento, a tecnologia vai se transformando na forma quase exclusiva de relacionamento com a natureza – seja ela externa ao corpo, ou interna a ele –, a ponto de inaugurar uma ordem ou um modo de vida específico, com sua mentalidade própria (Cupani, 2011).



Para ele, em uma sociedade tecnológica, as dificuldades encontradas ao longo da vida são, aos poucos, interpretadas como problemas técnicos, passíveis de resolução a partir de meios apropriados ao objetivo. Langdon Winner (1977 *apud* Cupani, 2011), ele afirma que nessas sociedades capitalistas e tecnológicas, o desejo de mover-se se transforma em possuir um carro; a necessidade de se comunicar, de possuir um celular; o de comer, em ter uma geladeira e um fogão; ou seja, um fim abstrato é transformado em uma cadeia de técnicas e de instrumentos que satisfaçam essa necessidade. Orientados por essa linha de pensamento, podemos pensar que não à toa o imediatismo do gozo, torna-se ver pornografia rápida e de fácil acesso.

Pensando nessas relações atravessadas pela tecnologia e pelo capitalismo contemporâneo, Preciado (2018) vai pensar alguns aspectos importantes sobre pornografia. Para o autor, a pornografia possui as mesmas características que qualquer outro espetáculo da indústria cultural: “performance, virtuosismo, dramatização, espetacularização, reprodutibilidade técnica, transformação digital e distribuição audiovisual” (Preciado, 2018, p. 282). A única diferença estaria no caráter de uma espécie de submundo a que ela é relegada. Para ele, a indústria pornográfica está para a indústria cultural, tal como o tráfico ilegal de drogas está para a indústria farmacêutica.

Preciado vai mais longe, ao afirmar que a indústria cultural tem inveja da indústria pornográfica, pois quer produzir prazer e mais-valia pornográfica, atingir centros de prazer e afeto com a mesma eficácia, sem sofrer sua marginalização. Indo além, ao incorporar ainda o mercado mais lucrativo da internet, que visa a um modelo de rentabilidade máxima, “investimento mínimo, venda direta do produto em tempo real [...] satisfação para o consumidor” (Preciado, 2018, p. 41-42).

O conceito de “pornografia” é ainda, para o autor, muito maior que as categorias de produções audiovisuais que mencionei até aqui. Trata-se de um paradigma produzido pelo capitalismo atual, no qual todos nós somos dotados, tomando como referência leituras espinosanas, de algo que ele chamou de “*potentia gaudendi*” ou “força orgásmica”, que seria a potência de excitação de um corpo. Essa é uma capacidade indeterminada, sem gênero, sem conhecimento das fronteiras entre homossexualidade e heterossexualidade. É “uma força de transformação do mundo em prazer” (Preciado, 2018, p. 45), força essa que seria o grande motor do capitalismo contemporâneo a partir do momento que é expropriada de nós.

Assim, o “pornográfico” em Preciado (2018, p. 282) refere-se à “caracterização político-econômica da representação”, e esta última sendo entendida como pornográfica quando transforma em público aquilo que deveria supostamente permanecer na esfera privada. Transformar-se em público é, para o autor, tornar-se comerciável.



O filósofo coreano Byung-Chul Han também pensa a pornografia como paradigma das relações contemporâneas produzidas pelo neoliberalismo e vai ao encontro de Preciado quando fala que vivemos em uma sociedade pornográfica, mas a entende sobretudo a partir da perspectiva de uma hipereposição, em que o capitalismo acentua a pornografização do corpo, expondo tudo como mercadoria. A coação por exposição, mas essa sendo uma submissão não consciente, em que as pessoas se submetem a dominação por elas mesmas (Han, 2018), reifica e transforma o corpo em objeto expositivo que precisa ser otimizado. Cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda.

Na sociedade pornográfica qualquer estranhamento, segredo ou mistério, que impeçam a hipervisibilidade devem ser eliminados em nome da transparência. As imagens se esvaziam em espetáculo. Falar em sociedade pornográfica é falar em espetacularização (Han, 2017).

Embora Han (2017) também nos ofereça pistas para pensar a pornografização de corpos contemporâneos enquanto uma hipereposição, neste artigo, me concentrarei mais nas conceitualizações de Preciado, visto que este último proporciona mais discussões no que diz respeito à sexualidade e ao gênero, estando assim mais alinhado aos objetivos desse trabalho.

### 3 Corpos dissidentes e pós-pornografia

Como podemos perceber até aqui, discutir sobre os significados de pornografias na contemporaneidade evoca-nos a pensar em múltiplos sentidos, tanto sobre as produções de vídeos pornográficos em si mesmas, como a partir deles, podemos refletir sobre paradigmas das relações contemporâneas atreladas ao modelo neoliberal.

No entanto, essas duas faces – a produção de vídeos em si mesma, por assim dizer e os paradigmas que envolvem essa produção – não são necessariamente aspectos distintos. A produção pornográfica em si mesma, segundo Preciado (2018), é uma tecnologia central na biopolítica de normalização dos corpos, sexualidades e prazeres, visto que exclui todas as expressões, práticas e corpos que não se encaixam em uma determinada normalidade, e essa tecnologia é o paradigma da sociedade contemporânea.

Mombaça (2014) nos traz que a pornografia *mainstream*<sup>6</sup> produz um programa sexual repetitivo, baseado na instituição de corpos adequados, aceitáveis de acordo com os marcos de “uma excitação sexual politicamente regulada” (Mombaça, 2014). Em outras palavras, a autora nos fala que essa indústria pornográfica, a partir do momento que fixa um regime de corpos que deve operar, aloca posições subalternas a determinadas corporalidades e impede seu uso subversivo.

6 Tradução de “*mainstream*” é “convencional”. Esse termo refere-se, sobretudo nos estudos feministas contemporâneos a uma pornografia que é amplamente consumível, comerciável e de fácil acesso na internet. Aqui, neste artigo, adotarei “pornografia *mainstream*” e “pornografia tradicional” como sinônimos.



Uma forma que podemos perceber isso de maneira muito explícita é a partir da AVN Awards, uma espécie de “Oscar” da indústria *mainstream* da pornografia, celebrado em Los Angeles, em que atores e atrizes pornôs recebem premiações por suas atuações. A promoção de tal evento, desde o seu início, produziu diferenças na forma como esse tipo de pornografia é vista pelos meios de comunicação por configurar uma espécie de legitimidade a essas produções, ao se assemelhar ao Oscar.

Segundo Pátaro (2015), dentro das categorias de premiação, a maioria são voltadas para premiar o corpo feminino, como “melhores seios grandes”, “melhor bumbum grande” e ainda “corpo preferido”. Não apenas um corpo feminino, mas um corpo feminino cisgênero e branco, visto que mulheres trans e travestis, bem como mulheres cisgêneras asiáticas, negras ou latinas concorrem a prêmios voltados para seu próprio público – mas não existe uma categoria para mulheres brancas ou cisgêneras. Essas divisões dentro dessa premiação nos evocam pensar nas relações de subalternidade que Mombaça falava anteriormente: a indústria *mainstream* pornográfica instituindo corpos legítimos e subalternizando outros; normalizando corpos e transformando outros em apenas fetiche.

Percebendo esse tipo de pornografia como uma tecnologia sexual a serviço da normalidade, e em um movimento contrário a isso, seria possível falarmos em uma antipornografia? Seguindo Preciado (2010), não proponho aqui em uma oposição a essa lógica a partir de uma espécie de “antipornografia”, afinal, a sexualidade “já está constantemente construída por meio de representações pornográficas e não é mais possível escolher a não representação da sexualidade porque sem representações não há sexualidade” (Preciado, 2010, p. 26). Nossa única escolha, então, é uma forma de disseminação crítica das representações sexuais, ou seja, uma forma de repensar esse paradigma da pornografia como está posto. Apostaremos aqui, seguindo o autor, não em uma antipornografia, mas em uma contrabiopolítica, por assim dizer, em que corpos dissidentes se apropriam dos espaços dominantes da pornografia, ou seja, apostaremos aqui em conceitualizações sobre a pós-pornografia.

Essa discussão crítica, no entanto, não é recente. Foi nas décadas de 1970 e 1980 quando surgiram os primeiros trabalhos de feministas estadunidenses acerca da pornografia tradicional. No entanto, esses debates não estavam restritos aos espaços feministas acadêmicos. Segundo Rubin (1984), as discussões nos Estados Unidos sobre as problemáticas relativas à pornografia aconteceram simultaneamente a debates sobre a prostituição, sobre a violência patriarcal, sobre a homossexualidade e sobre a proteção das mulheres e das crianças.

Embora parecesse ser consensual entre as feministas o entendimento de que a pornografia



tradicional estimulava também violências, opressões e assimetrias de gênero (Coelho, 2020), as discussões críticas sob os efeitos dos discursos e produções pornográficas na vida das mulheres eram variadas – e ainda são! –, gerando diversas correntes de pensamento, tais como as abolicionistas e pró-censura, mas também o movimento pós-pornográfico.

Para Cabral (2015), Annie Sprinkle é uma das protagonistas sociais que nos ajudam a pensar uma possível história de como a pós-pornografia se construiu. Depois de percorrer uma longa trajetória como atriz em diversos filmes pornôns estadunidenses nos anos 1970, Sprinkle se afasta da indústria pornográfica tradicional, geralmente liderada por homens, e cria sua própria produtora.

Nesse empreendimento, buscava produzir materiais pornográficos que transformassem as representações existentes sobre as mulheres, trazendo temas como orgasmo feminino, desgenitalização dos prazeres e profilaxia sexual entre lésbicas. Assim, a produtora se apropriou do termo “pós-pornografia” para dar nome a esse processo híbrido de construção de novas representações acerca da sexualidade, mesclando também outras linguagens nas produções pornográficas, como documentários, autobiografias e temas como educação sexual.

A partir da trajetória da produtora, podemos perceber que, diferente da pornografia tradicional, que existe para desenvolver de forma simultânea a excitação sexual e o consumo, “a pós-pornografia existe para instigar e agitar processos de experimentação e reinvenção política” (Cabral, 2015, p. 9). Embora esse conceito tenha sido inventado na década de 1980 nos Estados Unidos, sua consolidação só se deu a partir do início da primeira década do século XXI, estimulada pelo crescimento de uma rede de artistas e ativistas que se marcaram como pós-pornôns no eixo europeu, sobretudo na cidade de Barcelona, Espanha (Sarmet, 2014).

Não há uma definição exata para o que seria a pós-pornografia ou pós-pornô, termo mais conhecido, visto que sua trajetória ainda é muito recente, historicamente falando. Além disso, não há um consenso nos debates realizados nos círculos feministas, o que me parece tornar ainda mais desafiante querer precisar um único conceito.

Contudo, mesmo não havendo uma definição consensual, parece haver alguns aspectos importantes que nos apontam a algumas características nas produções pós-pornográficas: o desvio como ideia principal; o boicote e a recriação de corpos; os desejos e as práticas sexuais a partir de uma matriz que afaste as representações das sexualidades normativas de gênero e das sexualidades heterossexuais. Trata-se de uma apropriação pelos corpos considerados subalternizados, marginalizados e indignos (Nunes; Seffner; Méndez, 2016) que queiram subverter a ordem de espaços tradicionais da pornografia, injetando pequenas doses virais de potencialidade de



transformação.

Para Cabral (2015), aquilo que a pornografia “naturaliza”, a pós-pornografia propõe-se a desnaturalizar – não de um ponto de vista discursivo ou abstrato, mas no campo da materialidade: utilizando da própria “obscenidade” da sexualidade. Assim, não se trata de regular e censurar a pornografia, uma vez que esta é espaço de subversão, nem de fazer a apologia da pornografia tradicional. Trata-se de trazer à tona sujeitos de enunciação, em seus lugares de resistência que fujam da noção de um humano universal, branco, cisheteronormativo, atlético e sem deficiências. É, antes de tudo, uma reapropriação do dispositivo pornográfico, transformando-o num espaço de subversão e reconfiguração das identidades sexuais e de gênero, através da representação de práticas sexuais, prazeres e afetos (Coelho, 2009). Uma política de ação e resistência aos códigos normativos da pornografia dominante.

Assim sendo, falar em pós-pornografia não é apontar um gênero cinematográfico. “Trata-se, muito mais provavelmente, de uma ética, um conjunto de estratégias através dos quais emergem relações dissidentes com as tecnologias que constituem nossas experiências de sexualidade” (Cabral, 2015, p. 84).

Mas será que a mera existência de corpos dissidentes, ou seja, corpos subalternizados, como o corpo negro, trans, gordo, com deficiência, na pornografia produzirão, por si só, representações pós-pornográficas?

Cabral propõe alguns movimentos que parecem ser importantes para o funcionamento de uma pós-pornografia e que ajudam a pensar essa questão: 1) a recusa do pressuposto de uma sexualidade natural, a partir da qual se caberia desvendar uma verdade científica, e orgânica, entendendo que a sexualidade só existe a partir do funcionamento de uma série de tecnologias – humanas e não humanas. Uma ética pós-pornográfica não parte de modelos prontos e pré-fabricados, mas das vivências de diferentes ordens dos seus agentes: prazer, opressão, visibilidade, silenciamento etc.; 2) o deslocamento da “abolição” da pornografia para a sua “reapropriação”: a ética pós-pornográfica aposta na possibilidade do agir diante da pornografia *mainstream*, nem abolir, nem condená-la moralmente, tampouco reproduzir seu modelo de forma acrítica; e 3) produção de visibilidade pública desses processos de reapropriação: essa ética pretende-se dar visibilidade de diversas modos, no intuito de produzir novas referências de sexualidade a partir de corpos não normativos e propondo um novo olhar para esses. Essa visibilidade pode se dar por meio de performances, intervenções em espaços públicos, vídeos, fotos etc.

Portanto, para a autora, a ética pós-pornográfica implica uma abertura de código, ou seja, assim como a pornografia *mainstream* ratifica discursos normativos e hegemônicos sobre a



sexualidade, a pós-pornografia se propõe a pensar outros sujeitos sexuais possíveis, atuando sob as tecnologias existentes e produzindo um outro corpo. Portanto, distancia-se do lugar de “vítima” de uma “sociedade repressora”, para tornar-se ator político, reinventando corpos.

#### 4 Homens trans e pornografia

A escolha desse percurso teórico não foi aleatória e chego agora na discussão sobre homens trans na pornografia. Como vimos, o incômodo com a forma com que a pornografia tradicional subjugava corpos e no intuito de produzir outras definições para o sexo utilizando-se da própria linguagem pornográfica para propor novas políticas de sexualidade e gênero, fizeram com que personagens feministas como Annie Sprinkle pensassem uma nova forma de fazer pornografia, fundando o que podemos chamar de um movimento de contracultura dentro da pornografia.

Castro (2018) nos mostra que foi na década de 1990 que as produções pós-pornográficas começaram a causar impacto na indústria *mainstream* dos Estados Unidos, podendo-se notar quando grandes estúdios pornográficos lançaram sua própria linha de “pornôs para casais”, categoria que era característica, até então, das produções pornográficas feministas<sup>7</sup> – além desta, também existiam o “pornô para mulheres” e “pornô lésbico”. Ainda que considerados o lixo da indústria pornográfica americana por mostrar o prazer a partir de lentes femininas, é notório o impacto que essas produções geraram, já que houve uma tentativa de apropriação por parte dos grandes estúdios.

Foi nessa leva de produções feministas que foi fundada, também na década de 1990, o Fatale Video, estúdio pornográfico liderado por personagens feministas que se rebelaram contra a indústria *mainstream* e que tinham a intenção de produzir e distribuir filmes de pornôs lésbicos. Entre essas personagens estava Annie Sprinkle, que foi uma das primeiras a propor, já nessa época, a produção de filmes com homens trans (Castro, 2018).

Assim é possível perceber que foi através da emergência dos debates pós-pornográficos que os homens trans se inseriram na pornografia. E vai ser, no início dos anos 2000, nos EUA, com uma explosão de produções pornográficas feministas gerada por diversas pessoas produtoras, que se marcavam como feministas, que surge com maior repercussão um dos principais ícones da produção pornográfica transmasculina, Buck Angel.

Buck nasceu em 1972, na Califórnia (EUA), e ganhou repercussão mundial por ser uma

<sup>7</sup> Aqui, iremos entender pornografia feminista como produções realizadas a partir da ética pós-pornográfica. Os debates a respeito da pornografia, dentro do feminismo, não possuem consenso e irão se posicionar a respeito da pornografia de acordo com a corrente de pensamento. No entanto, adotaremos essa relação entre feminismo e pós-pornografia, por uma questão de protagonismo histórico, visto que a própria Annie Sprinkle, personagem que se marcou como feminista no meio pornográfico, dá nome às suas produções como pós-pornografia ou pós-pornô (Cabral, 2015).



das primeiras estrelas do pornô transmasculino, ganhando inclusive o prêmio da AVN Awards em 2007 como melhor intérprete transgênero. Embora Buck tenha sido essa figura de relevância nos anos 2000, nos últimos anos, ele tem sido bastante criticado pela comunidade trans mundial em virtude de suas defesas contraditórias, manifestando-se publicamente com discurso a favor da patologização de identidades trans e “com uma mesma retórica anticiência do fundamentalismo cristão, de conservadores de direita, de supostas feministas, disfarçando sua transmisoginia na frase ‘crítica de gênero’” (Stryker, 2021, tradução minha).

No que diz respeito a homens trans brasileiros que trabalham com pornografia, os estudos são bastante escassos, para não dizer raros. Quando decidi me debruçar na escrita sobre esse ponto, esbarrei na grande dificuldade de encontrar publicações que trouxessem discussões específicas sobre homens trans brasileiros na pornografia. Nessa empreitada, fazendo uma pesquisa menos demorada, encontrei apenas um artigo – no qual, um dos autores também se marca, inclusive, como homem trans – que se dedicava inteiramente a isso. Esse fato me levou imediatamente a duas linhas de pensamentos: ou minha pesquisa estava sendo realizada de maneira muito rápida, impedindo-me de encontrar essas produções, ou havia uma grande lacuna acadêmica sobre essa temática e essa ausência certamente merecia maior atenção e discussão nesta escrita.

Segui então para uma pesquisa mais demorada que me desse mais subsídios para uma discussão sobre artigos de autores brasileiros que discutissem sobre homens trans na pornografia. Nesse primeiro momento, não me limitei a pesquisas tão restritas, mas ao que havia de produção nacional sobre a temática de homens trans na pornografia.

Realizei a pesquisa, nesse primeiro momento, na plataforma Google Acadêmico, fazendo um recorte temporal de dez anos (2013-2023), visto que as discussões sobre transgeneridade vem sendo mais fortes nessa última década. Também selecionei apenas artigos em português e publicados em plataformas nacionais, já que queria entender o contexto brasileiro.

Os descritores que utilizei foram “homem trans”, “transmasculino”, “transmasculinidade”, cada um combinado com o descritor “pornografia” ou “pornô”. Portanto, foram seis combinações diferentes de descritores. Foram selecionados os artigos que em seu resumo se propunham a discutir sobre tal questão.

No período selecionado dos últimos dez anos, encontrei apenas três artigos. Desses, um é de 2017, um de 2018 e outro de 2019. Dois deles discutiam sobre a influência de Buck Angel nesse cenário da pornografia e apenas um de fato era uma pesquisa com homens trans brasileiros que trabalham com pornografia. Ao fazer um recorte sobre artigos que versam sobre homens trans brasileiros que trabalhem com pornografia, no período especificado, encontrei apenas uma



publicação, como se pode observar no quadro a seguir.

Quadro 1 - Artigos nacionais que discutem sobre homens trans na pornografia no período de 2013-2023

Título	Ano	Discussão sobre homens trans brasileiros
Buck Angel, transexualidade e gênero: algumas considerações psiqueeranalíticas sobre os sexos de Angel	2017	Não
Masculinidades off screen: Buck Angel e as disputas pela visibilidade FTM <sup>8</sup> na pornografia.	2018	Não
Construções discursivas de anúncios de modelos transmasculinos em um site pornográfico e seus efeitos performáticos	2019	Sim

Fonte: elaboração própria.

As demais pesquisas que envolviam pornografia traziam a discussão sobre as mulheres trans/travestis nesse meio. Outras, traziam uma discussão mais teórica sobre conceituações de pornografia e pós-pornografia. As pesquisas sobre homens trans, geralmente, giravam em torno da construção de transmasculinidades, sobre a dificuldade de acesso a serviços públicos, especialmente o da saúde, ou sobre a invisibilidade dos homens trans. Como o objetivo dessa pesquisa não é me ater ao que vem sendo produzido no Brasil sobre os homens trans, mas às publicações de artigos sobre homens trans brasileiros na pornografia, não me preocuparei aqui a detalhar as demais produções encontradas, entretanto ratifico a importância de uma pesquisa dessa ordem.

Entendendo a pesquisa acadêmica também como um lugar de disputa política, eu, como homem trans, dentro da militância, mas também pesquisador atento às discussões de gênero já há alguns anos, me autorizarei aqui, a partir das minhas vivências e leituras, a propor algumas reflexões desse dado encontrado, não no sentido de instituir verdades, mas de lançar pistas de contribuições para essa questão.

Penso não ser à toa esses dados encontrados e desconfio de respostas simplistas e rápidas demais atribuindo a causa disso a um suposto “apagamento” ou “invisibilidade”<sup>9</sup> dos homens trans. Penso essa questão invisibilidade muito mais como efeito de uma série de relações do que uma causa.

Considerando não apenas a quase ausência dessas publicações, mas também os artigos que foram sendo encontrados até chegar a esse dado, como já mencionei, proponho alguns linhas de pensamento que parecem se intercruzar a todo momento e trazer algumas pistas sobre esse

<sup>8</sup> Em sites pornôis de língua inglesa, muitas vezes essa categoria de homens trans ou pessoas transmasculinas é conhecida pela sigla FTM (Female to Male).

<sup>9</sup> Muitas pesquisas atuais sobre homens trans e pessoas transmasculinas atribuem à causa para uma série de negações de acessos ou de espaços de discussões à invisibilidade desses (Batista; Oliveira, 2019; Bezerra *et al.*, 2018; Passos, 2019; Solka; Antoni, 2020; Tchalian, 2018).



efeito: Em primeiro lugar, o fenômeno da diferença da passabilidade de homens e mulheres trans/travestis, gerando efeitos sob o acesso a empregos formais e/ou ao trabalho sexual; em segundo, o uso, por parte de homens trans, de uma espécie de invisibilidade funcional na tentativa de desviar da transfobia; em seguida, a dificuldade de articulação política unificada dos homens trans, reverberando também no apagamento de estudos e produções teóricas próprias, sobretudo no que diz respeito àqueles que se debruçam a pensar o trabalho com o sexo, como a pornografia; e, finalmente, a maioria dos estudos sobre pornografia são propostos por estudos feministas, não se debruçando, portanto, na discussão sobre os homens trans. E ainda aqueles que apontam para uma linha teórica transfeminista, parecem deixar um hiato quando se trata de discussões sobre homens trans;

Sobre os dois primeiros pontos de análise, faz-se importante primeiro conceituar o que chamo aqui de “passabilidade”. Com esse conceito, me refiro a uma aproximação corporal com o sistema binário de gênero, ou seja, à leitura social que se tem sobre que traços corporais são pertencentes ao ser homem ou ao ser mulher (Pontes; Silva, 2018). A ideia de passabilidade vem de se passar por uma pessoa cisgênera, por ter seu corpo ser lido como homem ou mulher cisgênera. Quanto mais há uma aproximação corporal com esse sistema binário de gênero, mais despercebido se torna o corpo trans ao olhar social. E, segundo Costa (2020), o fato dos corpos trans que passam despercebidos à ótica social gera efeitos sobre as condições de emprego. Em sua pesquisa, o autor nos mostra que homens trans geralmente possuem uma maior passabilidade que mulheres trans/travestis, fazendo com que esses acessem de forma menos difícil a empregos formais, não precisando muitas vezes depender do trabalho sexual como única opção, inclusive da pornografia.

Essa “passabilidade” que alguns homens trans têm acaba sendo usada por alguns como o que chamei de uma invisibilidade funcional. Tornar-se invisível para sobreviver dentro dos holofotes normativos que buscam ansiosos um corpo trans para exterminar, seja de forma física ou simbólica. E seguindo Foucault (1987), de fato, a visibilidade é uma armadilha, visto que é a partir dela que há a vigilância de corpos e práticas. E é na mira da luz que há as capturas.

No entanto, essa invisibilidade à qual alguns homens trans recorrem acaba sendo também uma armadilha, visto que, segundo Tchalian (2018), a violência contra os corpos de homens trans embora não atinja os mesmos números em assassinatos quanto de travestis e mulheres trans, quando acontecem, possuem a mesma intensidade e crueldade. Essa suposta invisibilidade acaba sendo extremamente contraproducente às publicações teóricas próprias de homens trans e reverbera também na dificuldade de nossa articulação política, por causar a falsa sensação em alguns que



somos corpos menos matáveis que de algumas mulheres trans e travestis.

No que diz respeito à articulação política, é importante lembrar, inclusive, que ela só se tornou mais ativa e organizada muito recentemente, a partir dos anos 2010; nos últimos anos, é perceptível uma dificuldade mais expressiva, havendo mais propostas de articulações locais e regionais sem grandes mobilizações a nível nacional.

A importância de pensarmos a articulação política como ponto de análise para a quase não existência de estudos sobre homens trans brasileiros que trabalham com pornografia em detrimento de uma maioria de estudos sobre mulheres trans e travestis dá-se para além de existir uma maioria numérica delas que trabalhem com sexo, mas principalmente para pensarmos em torno de que demandas tais movimentos se organizaram historicamente e, conseqüentemente, deram abertura para produções teóricas.

Segundo Carvalho e Carrara (2013), historicamente, as mulheres trans e travestis, sobretudo das décadas de 70 a 90, organizaram-se em torno de demandas que se relacionavam, de alguma forma, com o trabalho sexual – visto que essa era, e ainda é, a realidade para a maioria –, seja por suas mortes por violência nas ruas, seja por estarem mais expostas ao vírus do HIV/aids.

Ao passo que vemos formando-se organizações propriamente ativistas de populações trans, com maior notoriedade para as travestis, ainda na década de 90 (Carvalho; Carrara, 2013), o processo de maior organização política de homens trans e pessoas transmasculinas no Brasil só se deu depois dos anos 2000, sendo a primeira organização ativista exclusiva de homens trans a Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), fundada apenas 2012, em São Paulo. No ano seguinte, em 2013, foi fundado o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (Ibrat), articulação política que rapidamente se capilarizou e muitos coletivos locais e regionais se filiaram a ele, ofuscando a influência da ABHT sobre os homens trans (Almeida; Carvalho, 2019).

Contudo, já em 2018, após a saída do então fundador do IBRAT, bem como a morte de João W. Nery<sup>10</sup>, entre outros fatores que ainda não são possíveis de apontar totalmente devido a insuficiências de estudos, parece ter se produzido uma quebra nas articulações de mobilizações políticas nacionais de homens trans e pessoas transmasculinas. O cenário atual é de aparições de coletivos menores em nível local ou regional, mas sem lideranças ou mobilizações expressivas de

---

10 João Nery foi um ativista pelos direitos LGBTIA+, psicólogo, escritor brasileiro, e o primeiro homem trans a realizar a cirurgia de redesignação sexual no Brasil, em 1977. Faleceu em 2018, aos 68 anos, em decorrência de um câncer. João foi uma figura emblemática para o movimento de homens trans no Brasil por conseguir repercussão nas mídias de grande circulação, com a publicação de sua principal obra, *Viagem Solitária* (2011), na qual narra de forma autobiográfica sua trajetória de se perceber trans em plena ditadura militar e sua renúncia à carreira de psicólogo e professor universitário, adotando uma identidade falsa para ser possível viver enquanto homem, quando não havia quase nenhuma informação sobre transgeneridade. Foi reconhecendo sua importância histórica que, em 2013, os deputados Jean Wyllys e Erica Kokay lançaram o Projeto de Lei (PL) 5.002/2013, que intitularam como “Lei João W. Nery”, contemplando algumas das reivindicações da população trans brasileira.



amplitude nacional que estejam em espaços expressivos de deliberações política.

Com essa dificuldade de articulação política, fica difícil de visualizar, para a própria militância, mas também para os estudos acadêmicos, sob quais demandas específicas os homens trans brasileiros se organizam ou têm se organizado nos últimos tempos. Encontrar pautas específicas não em uma tentativa de separar os dois grupos – homens trans e pessoas transmasculinas de um lado, e mulheres trans/travestis e pessoas transfemininas de outro, o que só enfraqueceria pautas gerais de pessoas trans como o combate à violência transfóbica, o acesso a retificação de nome, a dificuldade de acesso a serviços de saúde e educação e ao trabalho formal, entre outras –, mas de problematizar demandas específicas que esse grupo tem, mas que não vem conseguindo ainda circunscrevê-las de maneira satisfatória.

Com índices de desemprego aumentando devido à crise política e econômica atual, vemos também mais homens trans precisando recorrer ao trabalho sexual, entre eles a pornografia, fenômeno que não era uma realidade tão expressiva há dez anos. Assim sendo, se faz necessário delinear essas pautas a nível de militância e de produções acadêmicas.

Por último, outra questão que merece destaque nesse emaranhado de relações que parecem ter como efeito a invisibilidade da discussão sobre homens trans na pornografia é o fato de estudos acadêmicos sobre pornografia e sobre as implicações do trabalho sexual, em geral, serem encabeçados principalmente por estudos feministas, não cabendo, portanto, o estudo de transmasculinidades. Não é de se surpreender completamente, visto que, além das próprias pautas em que se organizaram historicamente, as mulheres trans e travestis estão, em termos quantitativos, em número muito mais expressivo nos trabalhos sexuais que os homens trans, inclusive em produções pornográficas. No entanto, existem homens trans nesses trabalhos também e pouco se discute sobre.

Ainda que também haja produções sobre o trabalho com pornografia a partir da corrente transfeminista (Cabral, 2015; Coelho, 2020; Nunes; Seffner; Méndez, 2016; Silva, 2020) e essa se proponha também a abarcar as questões de homens trans, me parece que há um certo não lugar desses nessas discussões, que reverbera também nessa quase ausência de publicações, mesmo em literaturas transfeministas.

Por fim, faz-se importante destacar que, com essa análise crítica que faço, não quero dizer que não haja ativismo nenhum no país organizado por homens trans e transmasculines, tampouco que não existem produções acadêmicas feitas por nós. É claro que temos referências importantes que emprestam seu corpo diariamente à luta coletiva, tais como: Leonardo Peçanha (RJ), Bruno Santana (BA), Leonardo Tenório (PE), Kaio Lemos (CE) entre outros tantos nomes que integram



coletivos pelo país.

Existem movimentações de homens trans e transmasculines acontecendo também no meio acadêmico, justamente na tentativa de responder a essa angústia de incipiência de produções acadêmicas sobre homens trans e por homens trans. E foram motivados por isso, inclusive, que Bruno Pfeil, Cello Pfeil, Thárcilo Hentzy e Nicolas Pustilnick, em 2020, fundaram, no Rio de Janeiro, a Revista Estudos Transviades<sup>11</sup>, tendo como foco a formação de um espaço de livre produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade, exclusivamente sobre e por pessoas transmasculinas. A revista hoje já conta com nove edições publicadas independentes tanto de artigos científicos quanto de produções artísticas de homens trans e transmasculines. Assim, é possível perceber que há sim movimento acontecendo, inclusive pelo próprio Ibrat com articulações coletivas, mas que a nível de mobilizações nacionais (nas políticas públicas, em espaços de deliberações e de controle social) ainda se faz necessária muita articulação política organizada.

### 5 Considerações finais

Discutir sobre homens trans na pornografia, antes de mais nada, é colocar em xeque diversas concepções vigentes e normativas sobre o discurso normativo da transexualidade, sobre a masculinidade e sobre sexualidade. É tensionar o discurso da medicina sobre o que é transexualidade, é discutir sobre uma masculinidade possível que não se produz em torno do pênis e é questionar as barreiras da sexualidade heteronormativa, na medida em que são corpos que podem, se assim desejarem, se deslocar de lugares previamente instituídos pela penetração no sexo ou explorar ainda outras formas de sexo que não envolvam penetração – como sexo oral, masturbação etc.

No entanto, embora evoque todo um deslocamento normativo, discutir sobre esse público na pornografia é também estar atento às relações que envolvem o trabalho sexual, nem para dizer que são todas elas depreciativas aos sujeitos que trabalham com ela, nem para dizer que são totalmente subversivas simplesmente por se tratarem de corpos dissidentes. Pensar em uma discussão política sobre a pornografia torna-se uma questão complexa, pois como verdadeiro campo político, os processos de subversão e conservadorismo coexistem e escapam a explicações simplistas (Rost, 2018).

Caminhei, neste artigo, primeiramente por alguns sentidos conceituais sobre pornografia, para que assim pudéssemos pensar nas relações existentes entre a pornografia *mainstream* e a pós-pornografia, entendendo esse último conceito/prática/ética como fundamental para perceber a

<sup>11</sup> Para acessar: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/>



entrada dos homens trans na pornografia. Apresentei, então, uma revisão bibliográfica de artigos brasileiros sobre homens trans na pornografia, encontrando apenas três produções; e que discutisse especificamente sobre homens trans brasileiros e seu trabalho com pornografia, apenas uma, em um período de dez anos. Depois, lancei algumas pistas de discussões sobre essa quase ausência de produções acadêmicas.

É justamente por esse dado encontrado e por se tratar de uma questão complexa em que as discussões não conseguem se esgotar facilmente, que se faz necessário o fomento à produção de estudos cuidadosos com esses homens trans e que se proponham não a simplificar e responder questões de forma rápida, mas que apostem na discussão em sua complexidade. Neste artigo, apontei alguns caminhos para essa discussão, mas que com certeza não se finalizam aqui.

---

### Referências

THE 2019 Year in Review. *Pornhub*, [s. l.], 11 dez. 2019. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em: 25 jun. 2021.

ALMEIDA, Guilherme Silva de; CARVALHO, Raquel Alves dos Reis Gomes de. Emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira em princípios dos anos 2000. *Congresso Brasileiro De Assistentes Sociais*, Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/915>. Acesso em: 20 ago. 2021

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio Batista; OLIVEIRA, Julio Mota. A invisibilidade na representação de homens trans: uma análise das campanhas publicitárias das marcas de cueca Dressmann E Mash. *Revista Diálogos*, Cuiabá, v. 7, n. 3, p. 237-257, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/8209>. Acesso em: 10 jun. 2021

BENEVIDES, Bruna. Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos). *Híbrida*, [Rio de Janeiro], 2020. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BEZERRA, Daniel Sarmiento *et al.* Homens transexuais: invisibilidade social e saúde mental. *Temas em Saúde*, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 428-444, 2018. Disponível em: <https://temasensaude.com/wp-content/uploads/2018/04/18122.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CABRAL, Arthur Grimm. *Abrindo os códigos do tesão: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico*. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169459>. Acesso em: 19 fev. 2021.



CARVALHO, Mario Felipe Lima; CARRARA, Sergio. Em direção a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 319-351, ago. 2013. Dossier n. 2. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/6862>. Acesso em: 07 mar. 2020.

CASTRO, Thaís Faria. Amor com a cidade: pornografando o espaço público com o feminino. *Periodicus*, Salvador, v. 1, n. 8, p. 32-61, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23930>. Acesso em: 31 mai. 2021.

COELHO, Clara da Cunha Barbato Veiga. *Pós-pornografia em foco: um estudo sobre tensões políticas e usos do corpo*. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1129206>. Acesso em: 29 set. 2022.

COELHO, Salomé. Por um feminismo Queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pre-textos. *Ex æquo*, n. 20, p. 29-40, 2009. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0874-55602009000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0874-55602009000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 12 fev. 2021.

COSTA, Felipe Franklin Anacleto da. Os efeitos da passabilidade: as diferentes experiências de mulheres travestis e transexuais e homens transexuais no trabalho. In: ZAMBONI, M. *et al.* (org). *Sexualidade e gênero: controle e subversão*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2020. p. 70-83. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/803>. Acesso em: 23 dez. 2022.

CUPANI, Alberto. *Filosofia da tecnologia: um convite*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

DUARTE, Larissa Costa. Iconografia e pós-pornografia: feminismo, subversão e teoria queer. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 4., 2013, Londrina. *Anais Eletrônicos* [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. p. 1684-1704. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Larissa%20Costa%20Duarte.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.



JESUS, Daniel Marcelo de; TCHALIAN, Vicente. Construções discursivas de anúncios de modelos transmasculinos em um site pornográfico e seus efeitos performáticos. *Raído*, Dourados, v. 13, n. 33, p. 1984-4018, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/10086>. Acesso em: 09 jun. 2022.

KICH, Francis Deon. “*Como fazer sexo com homens trans*”: arquivamento sobre práticas e materialidades em narrativas de youtubers. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10774772](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10774772). Acesso em: 09 nov. 2022.

LEITE JÚNIOR, Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. In: Dossiê: Pornôs, Cadernos Pagu no.38 Campinas jan./jun. 2012.

MENDES, Roberta de Oliveira. Buck Angel, transexualidade e gênero: algumas considerações psiqueeranalíticas sobre os sexos de Angel. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 47, p. 91-111, jul. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372017000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100008). Acesso em: 15 dez. 2022.

MOMBAÇA, Jota. Pornô sob os escombros: sobrevivendo ao colapso colonial. *Medium*, [s. l.], 2014. *Revista Rosa #5*. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/porno-sob-os-escombros-sobrevivendo-ao-colapso-colonial-4ba7cf57dcbe>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 20, p. 121-130, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/mnsQhjzhdQNNQGbDd9BgTKd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2021.

NAVA, Plynio; SANTOS, Claudienne. Masculinidades Off Screen: Buck Angel e as disputas pela visibilidade Ftm na pornografia. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7; SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 3.; LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE, 3., 2018, Rio Grande. *Anais [...]*. Rio Grande: Ed. FURG, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/375.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.

NUNES, Hariagi Borba; SEFFNER, Fernando; MÉNDEZ, Natalia Pietra. “O corpo histórico: meu dildo goza terrorismo” pós-pornografia e pornoterrorismo na contemporaneidade: uma analítica de ruptura. *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 103-126, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/92861>. Acesso em: 08 jan. 2022.

PASSOS, Giseli Cristina dos. *Homens (trans): transmasculinidades na educação*. 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4434>. Acesso em: 22 jun. 2021.



PÁTARO, Carolina Ribeiro. “Os homens atuam e as mulheres aparecem” marcos pornográficos e pornografia mainstream. *Revista Sociologias Plurais*, Curitiba, v. 3, n. 2, pp. 103-121, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/64757>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PONTES, Julia Clara de; SILVA, Cristine Gonçalves da. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Pornotopia: arquitetura e sexualidade em ‘Playboy’ durante la guerra fria*. Barcelona: Anagrama, 2010. (Coleção Argumentos).

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era da farmacopornografia*. São Paulo: n-1 edições, 2018

ROST, Marina. “Centenas de pessoas online”, mas nem tantas: a produção da diferença na pornografia live streaming do Cam4.Com. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2018. Disponível em: [https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499432791\\_ARQUIVO\\_ROSTTextocompletoFazendoGenero.pdf](https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499432791_ARQUIVO_ROSTTextocompletoFazendoGenero.pdf). Acesso em: 29 set. 2021.

RUBIN, Gayles. *Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality*. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. (ed.). *Culture, society and sexuality: a reader*. New York: Routledge, 1984. p. 143-178.

SANTOS, Dionys Melo dos. *As travestis no cinema da boca do lixo e na pornografia digital*. 2019. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11583?show=full>. Acesso em: 15 out. 2020.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 258-276, maio/out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10175>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SILVA, Beatriz Bianca Barbosa. Olhar desviante: os cinemas pornô e o desenvolvimento da pós-pornografia como linguagem alternativa. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 13., 2020, [s. l.]. *Anais eletrônicos* [...]. Recife: Associação Nacional de História, 2020. Disponível em: [https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602124150\\_ARQUIVO\\_67ef571fc61594d5031215ab31a970f4.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602124150_ARQUIVO_67ef571fc61594d5031215ab31a970f4.pdf). Acesso em: 22 jun. 2021.

SOLKA, Anna Caroline; ANTONI, Clarissa de. Homens trans: da invisibilidade à rede de atenção em saúde. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, Canoas, v. 8, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.>



unilasalle.edu.br/index.php/saude\_desenvolvimento/article/view/4895.  
Acesso em: 30 jun. 2021

STRYKER, Kitty. Statement on Buck Angel and “Trans Men Fight Back”. Medium. 27. Jul. 2021. Disponível em: <https://kittystryker.medium.com/statement-on-buck-angel-and-trans-men-fight-back-8a3dc21e984a>. Acesso em: 25. Jan. 2023

TCHALIAN, Vicente. Transmasculinidades: Invisibilidade, Escassez De Informações E Apagamento Histórico. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; Women’s Worlds Congress, 13., 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2018. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498416889\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompletoVicenteTchalianFG2017.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498416889_ARQUIVO_ArtigoCompletoVicenteTchalianFG2017.pdf). Acesso em: 22 jun. 2021.

WILLIAMS, Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Tradução de Marcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2016. 190 p.

WINNER, Langdon. *Autonomous technology: technics-out-of-control as a theme in political thought*. Cambridge: The MIT Press, 1977.

